

## A BOLSA AMARELA: UMA INTERPRETAÇÃO PSICANALÍTICA

Neide Gondim de Freitas Pinto

Para não sucumbir à solidão, à incompreensão e ao desamor de uma família classe média baixa, a menina Raquel, caçula, com dez anos a menos que a irmã mais moça, recorre a um mundo imaginário e nele passa a conviver com seus fantasmas. Essa menina esconde três vontades que "engordam" à proporção que o desamor da família aumenta em relação a ela própria. Sente um enorme desejo de crescer de uma vez e deixar de ser criança; a necessidade de ter nascido garoto fá-la inventar uma lista de nomes masculinos; para fugir àquele mundo de opressão, nada melhor do que ser escritora, pois o ato de escrever implica em inventar uma outra realidade. Como treinamento para a futura produção literária, começa por escrever bilhetes. Não é bem sucedida — o irmão a flagra e a acusa de estar namorando, apesar das explicações em negativo que a caçula lhe dá. De sua lista de nomes escolhe um ao qual lhe dá um sexo (o nome é assexuado) e com essa personagem passa a manter uma correspondência. Lorelai, a correspondente imaginária, aconselha-a a fugir daquela realidade, ou melhor, diz-lhe que se refugie no prazer e sublima a realidade.

De há muito que Raquel sonhava em morar em uma casa com quintal, onde não só a paz reinava entre aquela família, como os pais formavam um casal amoroso e risonho. Esse sonho, concretizado em retratos inventados pela menina, seria uma solução dela para desfazer o impasse que era sua própria vida no seio daquela família, de uma vez que era constantemente alijada, levando-a a sentir-se inútil e sobrando na casa. Essa tentativa de Raquel de fugir de casa, é frustrada — a irmã descobre o bilhete. Mais uma vez a família reprime o desejo de evasão para o prazer. Esses contratempos levam-na a lutar por seu lugar ao sol e ela parte para a feitura de um

romance. Nele vê a solução para seus anseios, pois romance é inventado e seus desejos seriam projetados na narrativa (inconscientemente).

### 1. O ROMANCE

Num galinheiro (a casa de Raquel) havia um galo chamado Rei (o pai). A função desse galo era a de chefe de galinha, isto é, tudo o que as galinhas (a família de Raquel) quisessem fazer, deveriam pedir autorização ao galo Rei. Não gostando daquela atividade, Rei tenta convencer as galinhas a serem auto-suficientes, a fazerem aquilo que quisessem sem pedir autorização a ele. É preso, porque violou as normas do galinheiro. Na história de Raquel, o galo Rei consegue fugir daquele lugar. Verifica-se, nesse romance, que o pai, figura apagada e manipulada pelos membros da família, deveria ter mais pulso e perseguir um ideal que é o de Raquel: abandonar aquela família esquisita e ficar com a menina. A idade de Raquel não é mencionada na história, percebe-se, porém, por detalhes, como o de uma espinha que ela quisera espremer, que está na pré-puberdade. É nessa faixa etária que os problemas edípicos tendem a ser totalmente superados por uma pessoa que convive com outras que a respeitam e compreendem.

Raquel vive um caos interior tão grande que até deseja mudar de sexo. Desnordeada, sua personalidade em formação desequilibra-se com a repressão daquela família que a proíbe, inclusive, de visitar e/ou ser visitada por amigas. Cada vez mais confusa, não entende o porquê de as pessoas de sua casa estarem sempre zangadas com ela. Todos os artificios que usa (inventar nomes, história e fazer a apologia do sexo masculino para o irmão) não surtem os feitos desejados. Está sozinha num mundo hostil que sequer respeita as fantasias que tece como uma forma de sublimação daquele caos interior.

O romance que escrevera (seria a última tentativa da menina de se auto-afirmar projetando seus desejos) é descoberto pela irmã (a mesma que descobrira a carta da fuga). Esse incidente é mais um motivo que os seus encontram para inibir Raquel. Todos o lêem — do pai até o síndico do prédio (guardião-mor). Enraivecida, Raquel rasga o Rei e a família castradora por ser-lhe negado um direito mínimo: o de sonhar. Freud diz que se deve "atribuir o Complexo de Édipo mesmo aos sonhadores que tiveram a felicidade de evitar mais tarde conflitos com seus pais, e a este Complexo se liga estreitamente outro a que chamamos 'Complexo de Castração', o qual é uma reação aos entraves e às limitações que o pai

importa à atividade sexual precoce do filho" (1). Presa, tolhida, a menina resolve escrever só quando ficar adulta.

As duas outras vontades (ser grande e menino) estavam muito gordas porque sublimadas, e essa última, a de ser escritora, desandou também a engordar. Surge a necessidade em Raquel de esconder esses desejos da família, o quanto antes. Estava nesse impasse quando aparece uma ajuda exterior: dentre os objetos e roupas usados que a tia rica envia à família, vem uma bolsa grande, de compras. Esta é-lhe entregue como um refugio porque ninguém gostou dela. Para a menina a bolsa é um presente e é de um amarelo desigual (não é monótona como era a vida do galo Rei no galinheiro). Identifica-se com a bolsa pelo tamanho (vontade de ser grande), porque não está sozinha (tinha uma grande alça) e não estava vazia (como Raquel depois de reprimir as vontades), pois tinha sete filhos (os sete bolsos). "A bolsa parecia o quintal de minha casa"(2), diz Raquel. Com essa bolsa surgiu a possibilidade dos desejos serem escondidos nos bolsos da bolsa. O impasse, acarretado pela falta de um fecho na bolsa, é facilmente solucionado por Raquel, que manda colocar um prendedor um pouco velho, pois ele representava a possibilidade de engatar quando fosse necessário, além de não custar caro.

De posse de uma bolsa que acenava com uma segurança que lhe era indispensável, a menina passa a distribuir por entre os bolsos os seus pertences e as suas vontades. Colocou os nomes (masculinos ou assexuados) no bolso sanfona; o bolso comprido (onde colocou, posteriormente, a Guarda-chuva) ficou vazio; no bolso bebê sintomaticamente colocou um Alfinete de fralda, achado na rua; no bolso de botão escondeu os retratos do quintal da casa salvadora; uns desenhos que havia feito e umas coisas que andava pensando; nos dois bolsos com zíper escondeu a vontade de escrever e de crescer, fechando-os em seguida; espremeu no outro bolso com botão, a vontade de ter nascido garoto. Com suas vontades presas, reprimidas na bolsa amarela (inconsciente), tem-se a impressão de que Raquel deu a mão à palmatória, sujeitando-se às imposições da família castradora e incompreensível. Acontece que a menina sonha com o herói daquele romance que rasgara, o qual aparece mascarado (como suas vontades que estavam escondidas, sublimadas). Esse aparecimento ou volta do galo representa um primeiro meio-passo para a solução dos problemas dela, de uma vez que "a angústia é uma indicação de que o desejo repellido se mostrou mais forte que a censura, que se realizou ou está em vias de realizar-se, malgrado a censura"(3), pois "o desejo inconsciente sempre for-

nece a energia psíquica necessária à formação de um sonho. É como um capitalista que satisfaz as despesas de uma empresa; o resto diurno (as idéias de Raquel) é como o empreendedor de uma empresa que tenha uma idéia e saiba realizá-la. Decide do emprego desses fundos, dessa energia. Os restos diurnos não são inconscientes. O deslocamento constitui o meio mais poderoso de que dispõe a censura dos sonhos. É com a ajuda desse meio que a censura cria formações substitutivas que designamos como sendo alusões."(4)

Para o galo Rei serão deslocados os desejos de Raquel. Quando esse galo substitui seu nome para Afonso, mais um passo é dado para a ordenação interior de Raquel, além do fato de representar o apoio que a menina necessita para empreender a ordenação de seu mundo.

Afonso (Raquel) resolve lutar pelas suas idéias e foi por essa razão que fugiu pela segunda vez do galinheiro. A passagem que se encontra à página 35 do livro *A bolsa amarela* é significativa. Nela o galo relata que fora preso porque tentara fugir. Essa declaração surpreende Raquel, pois seu romance acabava no dia em que ele escapava. "Foi até aí que eu inventei você. — Pois é. Mas aí eu fiquei **inventado e tive que resolver** o que é que eu ia fazer da minha vida". Percebe-se que a atitude de Raquel (sempre passiva) em relação a seus familiares será, daquele dia em diante, diferente. Resolve enfrentar os mais velhos, mesmo sem saber como (o galo quer defender suas idéias, porém ainda não tem nenhuma). Esses dois fatos (luta pelas idéias e mudança de nome) indicam que, aos poucos, Raquel ordena seu mundo caótico. (Grifos nossos)

Outro deslocamento da pequena recai sobre um Alfinete de fralda. Tinha medo de ser levado no caminhão de lixo porque não prestava para nada (a irmã de Raquel diz-lhe, inclusive, que viera fora de hora). Acha que serve, mas nunca fizera nada antes para provar o contrário: "Sai da fábrica muito mal embrulhado, vim caindo pelo caminho, me agarrando nos outros pra ver se me agüentava, acabei não me agüentando: caí aqui... — Cada vez que eu levantava, passavam em cima de mim."(5)

O Alfinete retrata o egoísmo inexistente em Raquel e tão necessário à vida de uma criança, pois "ensina o amor. É a si mesma que a criança ama em primeiro lugar; só mais tarde aprende a amar os outros, a sacrificar a outros uma parte de seu eu".(6) O processo sofrido pela heroína de *A bolsa amarela* ocorreu em sentido inverso, pois sem carinho nem pro-

teção de seus familiares, anulou seu eu em proveito do egoísmo dos outros. Com o Alfinete, Raquel começa a se auto-estimar porque ele sentia que poderia ser útil, mesmo sem saber quando e onde pudesse demonstrar isso. Essa auto-afirmação está latente neste trecho: "— Me guarda? Já não ágüento mais viver aqui jogado: passa gente em cima mim; chove, eu fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: "prontol vão achar que eu não sirvo mais para nada, vão me levar no caminhão de lixo; me encolho todo pra vassoura não me ver; e depois que ela passa, e depois que o susto passa, eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo sim; mas nunca acontece nada. Me guarda?"(7) (Grifos nossos).

## 2. A GUARDA-CHUVA

A bolsa amarela nunca estivera tão pesada. Não só o galo Afonso que passara a morar na bolsa, ajuda a aumentar o peso, como as vontades de Raquel que, de tão gordas, ficaram pesadíssimas. A vontade de escrever redobra quando não consegue acabar uma redação que estivera fazendo na escola. Nessa redação ("O presente que eu queria ganhar") ela confessa o desejo de possuir um guarda-chuva. Casualmente Afonso encontra um, dá-lo a Raquel e conta a história "da" Guarda-chuva, que é outra projeção da menina, só que, desta vez, aparece uma gradação diferente: a Guarda-chuva, que abria e fechava antes de quebrar, adorava ser pequena e tinha pedido para o homem que a iria fazer que fabricasse uma mulher. Ao tomar conhecimento da história da Guarda-chuva, narrada por Afonso, "a vontade de ser garoto sumia e a bolsa amarela ficava muito mais leve de carregar."(8). Um detalhe da história da Guarda-chuva deixa Raquel chateada: como estava quebrada, sua história não tem fim. Esse incidente leva a menina a perguntar a Afonso o que iria fazer com uma Guarda-chuva que não tinha nome, nem fim de história, não abria e não funcionava. Irrita-se com a vida da Guarda-chuva porque aquela era a sua história, um pouco alterada devido à luta que estava sendo travada no sentido de um conhecimento melhor de si mesma a de um assumir de vontades. A primeira superação diz respeito à vontade de ser garoto. Raquel tinha um nome, a Guarda-chuva não — reconhece isto e irrita-se com aquela nova inquilina de sua bolsa amarela. Deve-se atentar aqui para o fato de que, sem nome, a sombrinha ficara com a alcunha de a **Guarda-chuva**, objeto assexuado, despersonalizado. Ela tinha características feminis: era feita de uma seda cor-de-rosa cheia de flores, o cabo era curvo e possuía uma correntinha. Era uma sobrinha, Afonso (Raquel) porém a chama de

a Guarda-chuva devido esse objeto corresponder ao desejo da menina de possuir um guarda-chuva.

Raquel sentia-se, nessa altura, ativa, com vontade de lutar. A Guarda-chuva, pelo contrário, estava quebrada. Esse incidente irrita a menina porquanto não sabia como lutar, estava por demais subjugada à família, e essa situação a coloca a nível de igualdade com a nova inquilina, por esta não representar o apoio desejado à superação de seus problemas.

Outro detalhe importante, também, é aquele em que a história da Guarda-chuva enguiça, não a fala. Numa língua estranha, onde a duração dos sons é demasiado longa para representar frases curtas, a Guarda-chuva narra a Afonso a história de sua vida até o momento em que suas hastes foram quebradas. O quebrar das varetas foi o responsável pelo esquecimento do fim da história da Guarda-chuva. A nova inquilina da bolsa amarela também queria ser grande para saber como era. A semelhança da história da Guarda-chuva, a de Raquel também está num impasse, ela, inclusive, ainda não abandonou a vontade de ser grande, apesar dessa mudança a atemorizar, pois essa fase de crescimento que antecede a adolescência corresponde a um sentimento de luto por parte da criança. Significa perder o que possui e adquirir o improvável, o desconhecido. A Guarda-chuva — que representava a possibilidade de esclarecer os acontecimentos daquele período posterior de vida — não se lembra do que lhe sucedeu, porém constatou uma verdade: de tanto passar de pequena para grande quebrou, mas constatou uma verdade: os dois períodos de vida não estavam dissociados. Tanto era gostoso ser grande como pequena, dependia da pessoa levar a vida brincando. O princípio do prazer foi colocado muito acima do princípio da realidade pela Guarda-chuva e o resultado foi que as hastes não agüentaram brincadeiras e quebraram. Raquel não havia atentado para o fato de que, crescendo magicamente como desejava, carregaria para a vida adulta todos os seus problemas não resolvidos e continuaria no mesmo impasse que estava sua vida: despersonalizada, confusa, seria um joguete nas mãos dos outros, talvez até de uma criança. Quanto ao fim da história só ela mesma seria capaz de dá-lo, tarefa para a qual ainda não está suficientemente apta a fazê-lo.

## 3. TERRIVEL

Raquel sofria transportando a bolsa amarela, pesadíssima (a Guarda-chuva acomodou-se no bolso comprido), quando Afonso grita um nome: Terrível. Era um galo de briga que

nascera normal. Os donos resolveram que ele seria um galo de briga, mas a cada dia a tarefa para os patrões ficava mais difícil: ao invés de ficar com vontade de brigar, ele tinha ímpetos apaixonados. Riscava corações no chão homenageando uma franguinha pela qual se enamorara; tratava amigavelmente o galo que seria seu rival numa briga que nunca era realizada, porque encontrava outras atividades mais salutares que encantavam o parceiro. A solução para sanar esse problema foi costurar o pensamento de Terrível. Os patrões deixaram dentro da cabeça do galo só a vontade de brigar. Essa operação levou-o a ganhar cento e trinta brigas. Encaminhava-se inexoravelmente para a morte e não se apercebia disso (já perdera três brigas). O único pensamento que o perseguia era o de lutar, lutar até morrer. Aqui caberia colocar Terrível como a metaforização do Id censurado pelo Superego (família de Raquel) <sup>(9)</sup>. A mudança operada em Terrível depois de ter seu pensamento costurado é igual ao mundo interior de Raquel. Sujeita a grandes decepções, a menina está perdida em perguntas sem respostas daquelas caras sempre zangadas. Seu Ego enfraqueceu-se e, desta forma, tornou o Id confuso, descontrolado. Terrível é igual à castração a que fora submetida Raquel pela família, com o pensamento voltado para uma única meta. Nela atuam duas forças poderosas descompassadas, cujo controle ora era feito ora não o era pelo Ego enfraquecido. Isso dependia do estado de espírito de Raquel, que sofre recuos e avanços. É um ir e vir quase constante onde, muitas vezes, o vir sobrepuja o ir.

Terrível — Id desatado do Ego e do Superego — começa a ser envolvido pela ajuda que o grupo de Raquel resolve empreender. Com esse propósito, a bolsa amarela tem seu peso consideravelmente aumentado.

Surge uma oportunidade para Raquel lutar por sua individualidade sob a forma de um almoço na casa de tia Brunilda. A menina leva a bolsa onde, diz, estão seus cadernos escolares. Lá, na casa dos parentes ricos, ela é exibida como manequim de loja. A família solicita-lhe que faça coisas que nunca foram valorizadas em casa. A garota atende, mesmo contrafeita, e esse estado de espírito é projetado em um saído da bolsa. Terrível sofre, pois reprime a vontade de dizer não à família. Raquel salva a situação "fugindo" para o jardim, com a bolsa a tiracolo, pretextando estudar. Mais uma vez é vencida e recua. Durante o almoço, a aflição dela some aos poucos; porém, ao servirem bacalhau — prato que detesta —, cria coragem e diz o que sente, o que é, de imediato criticado pela família, obrigada que é a "engolir" o peixe. Outro recuo é mostrado com essa atitude.

Mais uma vez a aflição retorna quando o primo — criatura mimada pela mãe — tenta ver o conteúdo da bolsa. Nesse momento Raquel está, de fato, diante de um impasse: ou luta ou expõe suas vontades tão escondidas que voltam de uma forma avassaladora. Nunca sentira tanta vontade de ser grande e menino. Esses anseios crescem tanto, tornam a bolsa tão "gorda", que chamam a atenção dos convivas. O Alfinete salva a situação ao agir pela primeira vez na vida, furando a bolsa. Terrível (inconsciente reprimido) surge todo amarrado pela correntinha da Guarda-chuva. A explicação desse incidente é dada por Afonso que se faz passar por galo mágico. Raquel vence esta batalha, pois com imaginação convenceu a todos de que o conteúdo da bolsa não era tão estranho assim. Não se desvela ante aquele público inquiridor e passa a ter mais amor por si mesma. Verifica que não é tão inútil e reconhece que pode lutar por sua própria causa. Possui, afinal, um grupo que está começando a se entender. Os problemas ainda não estão solucionados, mas o importante é que não se sente mais tão sozinho.

#### 4. FUGA DE TERRIVEL E INÍCIO DA CURA

Terrível foge da bolsa levando a Guarda-chuva que o mantinha preso com uma correntinha. Raquel e Afonso saem em busca do galo (ainda não tinham dado pela falta da Guarda-chuva), mas só acham penas no local onde houvera a briga de galos. Encontram a Guarda-chuva mais quebrada do que antes: lutara muito tentando ajudar Terrível. Raquel critica o modo de diversão dos adultos e compara-o ao das crianças que utilizam a "roda" para fins bem diferentes. "Fica diferente" com o que ocorreria ao galo e resolve voltar a escrever, mesmo que a família descubra e critique suas fantasias. Diz que é melhor que riam dela do que carregar um peso dentro da bolsa amarela.

Nesse novo romance narra a vida de Terrível, incluindo o incidente na praia (acredita que a Guarda-chuva não vira direito a briga). Conta que o pensamento do galo foi costurado com uma linha que almejava a liberdade, o céu aberto, e acabara aprisionada no pensamento dele. Durante a briga, a Linha Forte fez tanta força que rompeu e libertou o pensamento do galo de briga. Percebendo o que estava acontecendo consigo mesmo, fugiu da luta, lançou-se ao mar só não morrendo porque foi fisgado pelo anzol de um pescador. O final que Raquel dá a essa história é diferente daquele que deu à de Afonso, que fugia sozinho. Neste, Terrível é bemvindo porque serve de companhia para o pescador que o fisgara. Reconhece que

a vontade de escrever emagrecera tanto que quase nada pesava. Enquanto ocorre a superação desse conflito, Afonso acha a idéia que vinha procurando, dentro da história que Raquel escrevera sobre Terrível: correria o mundo lutando em prol da liberdade de pensamento das pessoas. Acontece que, não sabendo voar, iria facilmente se cansar, o que significa que ainda necessita de ajuda para atingir um domínio mais eficaz que o leve à maturidade e, conseqüentemente, o torne apto a empreender a luta, objetivamente.

Com a liberação do pensamento de Terrível, o inconsciente (A bolsa amarela) ainda não deixou de dominar ditatorialmente o Ego da menina e ainda permanece separado do Id (Guarda-chuva e Terrível). O equilíbrio entre essas três forças ainda não está firmado. É necessário consertar o que está quebrado e, a Guarda-chuva, desejando acompanhar Afonso, está impossibilitada porque quebrada. A solução para o conserto dela é dada pelo Alfinete (Ego) que indica uma casa onde tudo é consertado. O contraste entre a família de Raquel e a da Casa de consertos é flagrante. As censuras, os preconceitos, foram tão introjetados, que ela custa a entender as pessoas daquela casa.

Sintomaticamente, a menina da Casa dos Consertos chama-se Lorelai, bem diferente daquela que aconselhara Raquel a fugir da realidade. Mostra-lhe, pelo contrário, o lado positivo da vida.

A Casa é um caminho que aponta a divisão harmônica do trabalho, a inexistência de chefes, a liberdade na escolha das atividades sem prejuízo de um terceiro, o prazer colhido em atividades normalmente cansativas porque iguais, a iniciativa própria, o aprendizado não rotulado pela faixa etária. Raquel confessa que o adulto não é aquela coisa tão difícil de ser entendida e, antes, quando precisava dormir para sonhar e assim satisfazer os desejos recalçados, agora, depois da vivência adquirida na Casa dos Consertos, vislumbra uma solução para seus desejos sem que precise do sonho.

Um fato muito importante que ocorre após o episódio da Casa dos Consertos refere-se à história que Raquel escrevera "História de um Galo de Briga e de um Carretel de Linha Forte", dada a Lorelai em troca do conserto da Guarda-chuva. Ela oferece o elemento de censura pelo conserto e com isso supera em definitivo a fase edipiana. A partir daí a cura avança sem sofrer recuos: Raquel descobre prazer na semana em que

estivera de castigo, não só pelo fato de ter escrito à vontade, mas por ter descoberto a diferença que existe na vida de cada um quando se está só e quando se tem amigos. A vida dela melhora à proporção que as vontades decrescem. A censura exacerbada que havia em sua vida cede quando executa os desejos escondidos, sem, contudo, desvelá-los aos de casa. Afonso parte sem retirar a máscara (inconsciente) levando consigo a Guarda-chuva. Raquel distribui os nomes, antes tão bem escondidos, para os pelxes e passa a gostar de seu próprio nome; solta ao vento todas as vontades que quiseram ficar livres e satisfaz um antigo desejo, empinando uma pipa. O único companheiro de turma que fica com Raquel é o Alfinete (Ego consciente — apontador do caminho — guia), pois representa a possibilidade de integração harmônica de sua vida mental, uma vez que Terrível uniu-se a Afonso e à Guarda-chuva. Sem fantasmas, sabendo dirigir as energias em proveito de seu próprio crescimento interior, Raquel sente-se tão leve quanto a bolsa amarela.

## 5. CONCLUSÃO

Raquel sofre um processo intrincado de sublimação e projeção de problemas, cujo núcleo repousa no Complexo de Édipo não solucionado e no Complexo de Castração, introjetado acerbadamente pela família, devido, sobretudo, à grande diferença de idade que existe entre a caçula Raquel e os demais irmãos.

A personagem central efetua sua própria cura dentro de um processo normal de avanços e recuos, onde etapas vão sendo queimadas e exumadas a seguir, ao defrontar-se com um novo problema. Nessa busca incessante de auto-afirmação e de autoconhecimento, os fantasmas inconscientes são concretizados em metáforas cujo simbolismo permite uma brecha desveladora do processo corrosivo pelo qual passa a menina. Vence a luta sozinha porque apelou para sua própria fantasia, possibilitando-lhe um diálogo com seus problemas. Se Raquel se desligasse de tudo e de todos, encaminhar-se-ia para um bloqueio tão grande que a levaria a uma neurose obsessiva e irreversível. Agindo inicialmente como um comerciante possuidor de uma balança viciada, felizmente soube harmonizar, aos poucos, o peso com o produto trazendo, como conseqüência dessa harmonia, uma divisão de lucros igual, sem perdedores.

#### NOTAS

- ( 1 ) FREUD, Sigmund. *Introdução à psicanálise*. Rio de Janeiro, Delta, s. d. vol. XII. p. 235.
- ( 2 ) NUNES, Lygia Bojunga. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro, Agir, 1976, coleção "4 ventos".
- ( 3 ) FREUD, Sigmund. Op. cit. 247.
- ( 4 ) Idem. p. 258-259.
- ( 5 ) NUNES, Lygia Bojunga. Op. cit. p. 44.
- ( 6 ) FREUD, Sigmund. Op. cit. p. 231.
- ( 7 ) NUNES, Lygia Bojunga. Op. cit. p. 43-44.
- ( 8 ) Idem. p. 49.
- ( 9 ) A supervisão das ações da primeira fase de vida do indivíduo, feita pelos pais ou educadores, tem seu processo de continuidade assegurado pelo Superego (inconsciente), que internaliza as forças inibidoras do mundo externo, configuradas no Ego (consciente), representante da razão e do senso comum, organizador e controlador coerente dos processos mentais. Por outro lado, o Ego é formado pela modificação efetuada através dos sentidos, da parte mais superficial do Id, tornada pré-consciente. O Id (inconsciente) abriga as paixões dominadas pelos impulsos e pelo princípio do prazer. É controlado e modificado pelo Ego que, por sua vez, sofre influências do mundo exterior. Tem-se, então, formando o Ego, o mundo exterior e parte do mundo interior ou Pré-consciente. O senhor supremo do Ego é o Superego.

**epecê**  
gráfica

Av. Bento Gonçalves, 4080

Telefones: 23.80.84 e 23.80.98

CEP 90.000 — PORTO ALEGRE — RS — BRASIL